

JOÃO COLES

MERDA PARA AS MUSAS

FRESCA

JOÃO COLES

MERDA PARA AS MUSAS

FRESCA

[A poesia] É o calão dos anjos e dos demónios.
Lawrence Ferlinghetti

Posfácio

Confesso que se me torna extremamente difícil escrever seja o que for sobre este livro, pela sua familiaridade, porque sinto a poesia do João tão próxima, já que me revi em tantos poemas e situações que ele usou para pintar os seus versos. Também a sua proximidade ao meu poeta favorito, ao contrário do que seria esperar, não facilita as coisas. Espero não ser injusto e insultuoso com o que vou escrever, mas o João sim, é o verdadeiro Bukowski português.

Quando o João me enviou livro e li o título “Merda Para As Musas”, logo lhe perguntei se tinha alguma coisa a ver com “Betting on The Muse” de Bukowski. A resposta dele foi: “conscientemente não”.

Anos antes, durante o curto período que passei em Coimbra, na apresentação de um livro ou de uma revista, não me lembro bem (apesar de ter sido rara a minha presença em eventos literários), falei com um dos tradutores de Bukowski em Portugal, sobre a forma como Bukowski se entranha, se agarra à nossa voz, aos nossos dedos, tornando-se até difícil regressar ao que não é Bukowski.

Não conheço o João pessoalmente, mas li o João, e agora sei o que o João lê e conheço bem os seus deuses: Mulheres. Não, Bukowski não me parece estar à altura das mulheres neste livro. Bukowski é um guardião na hora de dormir, “alguém que nos proteja dos nossos demónios”, como

nos versos “trago os mortos e as suas palavras/ e os seus infernos/ para me protegerem do meu”. Bukowski não é um deus, mas Bukowski é onnipresente neste livro. O título da primeira parte do livro (“perguntem ao whiskey”), fez-me lembrar imediatamente de um dos deuses de Bukowski, John Fante com o seu “Ask the Dust” e logo no primeiro poema “o buraco da cozinha” surge-me subitamente uma frase de Bukowski que é de certa forma, a meu ver, a essência deste livro: “there is always one woman to save you from another and as that woman saves you she makes ready to destroy”.

O amor aparece-nos aqui como algo essencial, mas que se consome, precisa de renovação, depois de um inferno se apagar, tem que se acender outro e sabe sempre bem no início, aquela luz, aquele calor, a quem tem um abismo dentro, até percebermos que estamos no inferno. Se para Sartre o Inferno eram os outros, parece-me que neste caso o Inferno mora dentro (“será por eu contemplar/ amiúde/ a morte”). Aqui não há amor eterno, há apenas uma lareira, “o cheiro de um novo amor/é como o cheiro/de lenha a queimar na lareira/ (...) até que precisemos de novo/à noite/ de acender outro fogo”. Está aqui mais uma vez presente aquela ideia de Bukowski, de que há sempre uma mulher para te salvar de outra.

Torna-se difícil não encontrar Bukowski nestas páginas, mas parece-me a mim que além de ser uma homenagem às mulheres, já que este livro bem se podia intitular de Mulheres, é também uma homenagem a um fiel amigo, que possivelmente repousa todas as noites na mesa de cabeceira. Encontramos Bukowski nas referências à música clássica como em “1400rpm”, no vinho, no amor/ódio às mulheres, na companhia dos mortos (“um buda feroz”), nos low life (“o putto da bica”, “o bulldog inglês”), o fascínio pelos animais e quase desejo de ser um (“ayahuasca”), a morte, especialmente no poema “até à próxima dança” o qual me

levou a “Pulp”, o próprio título da segunda parte (“afogado em chamas”) é uma referência directa a “Burning in water Drowning in Flames”, a presença de deuses em vez de deus... No poema “estou fodido”, temos lá a receita toda, “love Is a dog from hell” e no inferno tocam as quatro estações em repeat e dão-nos a provar amor para logo nos chutarem nos tomates, “mas gostamos da vertigem que é /o amor”. Para terminar, porque chega de Bukowski e aqui há mais do que Bukowski, há João, deixo aqui mais um pouco do mesmo: “Love still arrives 2 or 3 times in a lifetime for most of us, and the rest is sex and companionship, and it’s all problems and pain and glory...”.

Contudo, este livro não é de Bukowski, ele não gostava muito de cinema e o João continua “a ver demasiados filmes”, nem foi pintado com as cores de Los Angeles. Temos bem presente a Portugalidade, especialmente o “very typical”, os chico-espertos, os especialistas de tudo nos cafés, as suas misérias, como retrata em “sinfonia em ré menor”, um “tales of ordinary madness” à portuguesa em forma de poema, temos a distância e a saudade e o macho tuga no controle à espera de uma mensagem de Veneza. Depois temos “o mar de Neruda”, um poema que me lembra um pouco e.e.cummings, no qual é bem visível a necessidade da mulher nos vai e vem da vida, porque só uma mulher nos pode realmente ensinar a viver: “Necesito del mar porque me enseña”(Pablo Neruda). Precisamos das mulheres porque nos ensinam e é isto, no fundo, o que o João nos quer dizer nesta bela canção de amor desencantado, num ritmo e forma Bukowskiano, mas gritada por um coração português.

Este livro também não começa com Bukowski, mas sim com outro poeta, ainda vivo, um jovem de 100 anos, o último dos Beat: Lawrence Ferlinghetti. O mesmo poeta escreve no seu livro “Poetry as Insurgent Art”, que a poesia é “uma mulher nua, um homem nu, e a distância entre eles”

e é disto também que o livro do João nos trata, da distância entre um e o outro e da sua nudez, além da nudez dos corpos, a nudez de quem deixa cair a máscara, porque a poesia é também “a solidão privada tornada pública” (Ferlinghetti). Voltando ao poema “sinfonia em ré menor”, é um poema que está mais próximo de William Carlos Williams, em que Seixal é Patterson de João, onde cabe o mundo todo e toda a sua miséria e que o poeta nos documenta. Mas o livro em si, é um livro universal, transcende a sua portugalidade e traz-nos locais inesperados, como no poema “até à próxima dança” que nos traz um “salto de fé do vigésimo primeiro andar/ de um hotel em Seodaemun” ou a visita à “parisiense” em Paris, as Quatro Estações com quem está em Veneza bem presente à “meia-noite e vinte e dois minutos” apesar da distância de uma hora, Bangladesh (“mendhi”) trazido pelo seu vermelho, pela sua folha vermelha e a América o Sul (“ayahuasca”). Cada poema é uma viagem interior alimentada por uma ausência ou a evidente inelutabilidade dessa ausência e João é, acima de tudo, um niilista, ou então este livro é um espelho.

João Bosco da Silva